



A PRIVACIDADE ESTÁ MORRENDO. OU JÁ MORREU?

De 151 dos leitores que responderam meu questionamento sobre o tema, 83 não manifestaram qualquer apreço e até aplaudiram o fim desse direito

Por Ethevaldo Siqueira

ALGUNS DISPOSITIVOS de segurança já estão sendo utilizados globalmente como passaportes biométricos com microchip embutido, etiquetas inteligentes e sistemas de identificação via radiofrequência.



CONCEITOS-CHAVE

- É hora de enfrentar a realidade dos novos tempos e se convencer de que a privacidade não só está ameaçada, como sua morte já foi decretada.
- Dados confidenciais estão cada vez mais vulneráveis diante dos modernos sistemas de controle social e individual. Em breve até nossos segredos mais íntimos se tornarão públicos.
- Em um mundo sem privacidade, onde as verdadeiras intenções são sempre reveladas, talvez haja menos corrupção, menos impunidade e mais razões para agir corretamente.

— Os editores

As pessoas utilizam diferentes tecnologias no dia-a-dia sem qualquer cuidado. A democracia sofre ameaças até em países como os Estados Unidos, onde o combate ao terrorismo tem criado um clima de quase paranóia, o que aumenta os riscos à privacidade e aos direitos fundamentais do ser humano.

O mundo tem assistido, estarelecido, a incontáveis exemplos chocantes desse retrocesso, entre os quais as centenas de prisões ilegais e de telefones grampeados sem autorização judicial, tanto nos Estados Unidos quanto em aeroportos europeus. Sem falar na base americana de Guantánamo, ou nas torturas praticadas por soldados americanos no Iraque.

Jean Paul Jacob, cientista brasileiro que trabalhou mais de 30 anos para a IBM, diz que uma das consequências da revolução digital e, em especial, da expansão mundial da internet, foi o fim da privacidade. Concorro com a afirmativa, mas não me conformo com a inconsciência da maioria das pessoas diante do problema. E pior: esse não é um problema brasileiro, pois nem mesmo nos Estados Unidos e na Europa o cidadão comum tem lutado por

seus direitos nessa área, ou parece preocupar-se com os riscos à sua privacidade.

A questão se agravou a partir dos ataques de 11 de setembro de 2001, razão por que as medidas de segurança passaram a infernizar a vida dos passageiros aéreos — 99,99% dos quais são bons cidadãos e jamais pensariam em ameaçar a segurança de aviões ou de aeroportos.

Um dos projetos mais recentes é a identificação automática de qualquer passageiro ao passar no setor de imigração, por meio de etiquetas inteligentes dotadas de chip embutido no passaporte, cartão de embarque ou na própria bagagem. São os sistemas de identificação por radiofrequência (RFID, do inglês *radiofrequency identification devices*), que serão operados em aeroportos pela TSA (Transport Security Authority), a empresa responsável pela segurança do transporte aéreo nos Estados Unidos. (Ver vídeo no link: www.spychips.com/RFIDairport.html)

A propósito, duas autoras americanas, Katherine Albrecht e Liz McIntyre, publicaram em 2007 o livro *Spychips: how major corporations plan to track your every move with RFID*. A obra pode

O mercado de cartões de crédito atinge recordes de crescimento. O comércio eletrônico se expande rapidamente graças às facilidade de escolha pela internet e pagamentos on-line via cartão de crédito. Porém esse comércio sedutor expõe o usuário a entidades inescrupulosas que fazem mau uso de informações pessoais de clientes

ser traduzida por *Chips espíões: como as grandes corporações planejam rastrear cada movimento nosso com RFID*.

Um dos pontos mais criticados pelo livro é exatamente esse controvertido sistema de identificação em aeroportos, que rastreia e monitora as pessoas sem o conhecimento nem a permissão delas. “É algo parecido com o que acontecia na antiga União Soviética”, acusam Albrecht e McIntyre.

E, na verdade, os chips embutidos nos passaportes e outras peças de passageiros não nos protegem. “Os passaportes com RFID pouca coisa farão por nossa segurança” – afirma Katherine Albrecht. “Pelo contrário, impondo-nos essas etiquetas eletrônicas em nossos documentos de viagem, o governo está pondo em risco nossas informações pessoais, sem fazer quase nada para deter os criminosos.”

A cada dia surgem chips mais avançados combinando poder de processamento embutido dos *embedded systems* com a alta capacidade de memória e a crescente velocidade de transmissão de dados. Um bom exemplo desse avanço é um novo chip da HP, menor que uma semente de tomate, com 500 quilobytes de memória e capaz de se comunicar a 10 megabits por segundo.

Um simples anúncio de TV da IBM nos dá hoje idéia do que podem fazer os sistemas de RFID, mostrando, com bom humor, a chegada de um caminhão a um posto de fiscalização. Em poucos segundos, a funcionária deixa o motorista estupefato, dizendo: “OK. Já sei tudo o que o senhor transporta e qual é o destino de cada item dessa carga”. E descreve com precisão algumas das mercadorias transportadas, identificadas por etiquetas inteligentes.

Daqui a poucos meses, a nova tecnologia permitirá que um cliente de supermercado passe com seu carrinho de compras abarrotado pelo caixa, que identificará, instantaneamente, todos os produtos por meio de etiquetas inteligentes, e emitirá a nota de compra com o valor final.



Descaso com a Privacidade

Confesso que fiquei chocado ao concluir que sou uma voz quase solitária em defesa da privacidade, após publicar em 2007 um artigo em *O Estado de S. Paulo*, em que pedia a opinião de meus leitores. Concluí que, dos 151 que me responderam e opinaram sobre o tema, 83 não manifestaram nenhum apreço e até aplaudiam o fim desse direito. Passei, então, a debater o assunto via internet.

Destaco aqui três opiniões sobre o tema. A primeira é a de V. D., um consultor, ex-diretor de uma grande multinacional. Ele se diz admirado que ainda existam pessoas, como eu, que não perceberam a lenta e inexorável agonia da privacidade. “Não há mais volta. É hora, portanto, de enfrentar a realidade das mudanças e não de conjeturar, pois as técnicas modernas da informação condenaram a privacidade à morte.”

A segunda opinião, igualmente cínica e inteligente, é a de C. B. U., executivo, PhD pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), engenheiro, astrônomo e escritor, que me fulmina logo de cara: “Sim, meu caro, a privacidade já morreu. Mas isso não tem a menor importância. Acho muito melhor que possamos descobrir as intenções recônditas das pessoas. Talvez seus comportamentos venham até a melhorar”.

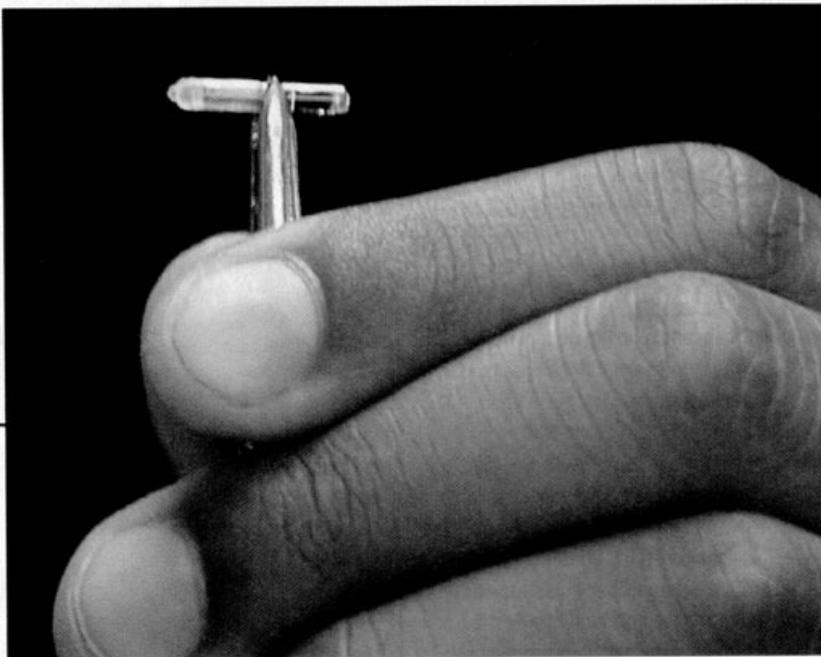
Ambos relembram que a tecnologia da informação e as telecomunicações bisbilhotam nossas finanças, descobrem se emitimos cheques sem fundos ou se somos maus pagadores. Identificam os lugares onde estivemos ontem ou onde estamos agora. Avaliam nosso sucesso ou fracasso profissional. Deixam

[O AUTOR]



Ethevaldo Siqueira é jornalista especializado em tecnologia da informação e telecomunicações, com 41 anos de experiência, colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*, comentarista da Rádio CBN e colaborador de diversas publicações brasileiras e internacionais. Tem 10 livros publicados, sendo os três últimos: 2015 – *Como viveremos, Tecnologias que mudam nossa vida e Revolução digital* (todos pela Saraiva).

Manuseio de chip minúsculo é feito com pinça. Seus criadores acreditam que quando implantados nas pessoas, os chips serão vantajosos em relação à segurança e ao socorro médico. No entanto há quem afirme que seu uso abusivo pode ameaçar seriamente a privacidade pessoal.



nos quase nus diante da sociedade e, em breve, irão revelar nossos segredos íntimos.

Recordem-se de que os cartões de crédito esquadriham nossos hábitos de compra e informam os vendedores, para que nos assediem com ofertas tentadoras. Lembrem-se de que o Banco Central e o Serasa espalham as piores coisas sobre nós para todo o mercado.

“Privacidade? – pergunta o consultor. As próximas gerações vão rir de nós, tal como rimos hoje dos pudores prosaicos de nossos antepassados. E não lamentem a morte desse suposto direito, pois isso até poderá ser bom para a sociedade. Duvida? Sem privacidade, não seremos mais fingidos. Enganaremos menos aos outros.

Teremos mais razões para agir corretamente, para não ter registros negativos. Num mundo sem privacidade talvez haja menos impunidade – um dos grandes problemas do Brasil hoje. A justiça e os negócios serão mais rápidos, baseados em fatos e não em opiniões. Não teremos de esconder nada, pois, como dizia Goethe, essa preocupação desaparece para quem já tem seu prestígio arruinado.”

O executivo PhD do MIT minimiza até a revolução da informação, que, para ele, não tem a importância que lhe atribuímos: “Outras revoluções foram mais importantes, como a descoberta do eletromagnetismo, a invenção da linguagem matemática ou da tipografia”. O grande benefício do livro, argumenta, foi disseminar cultura, controvérsias, espírito crítico. E isso não produziu nenhuma catástrofe. Mas reconhece que o mundo quase veio abaixo quando Darwin disse que somos primos dos antropóides.

Só consigo reagir à depressão quando leio a terceira mensagem, de outro executivo, francês radicado no Brasil, brilhante, racional, realista, que reconhece logo as ameaças permanentes da tecnologia à privacidade, mas nos concita a defendê-la em nome da ética.

➔ PARA CONHECER MAIS

Transparência pública, opacidade privada – O direito como instrumento de limitação do poder na sociedade de controle. Túlio Vianna. 1ª ed., 232 págs., 2007

Proteção da vida privada e liberdade de informação. René Ariel Dotti. Editora Revista dos Tribunais, 1980.

Direito à intimidade. Edson Ferreira da Silva. Editora Oliveira Mendes, 1998.

Tutela penal da intimidade. Paulo José da Costa Jr. Editora Revista dos Tribunais, 1970.

Direito à intimidade e à vida privada. José Adércio Leite Sampaio. Editora Del Rey, 1998.

Sites de Wikipedia em português (www.pt.wikipedia.org <<http://www.pt.wikipedia.org>>) ou em inglês: (www.en.wikipedia.org <<http://www.en.wikipedia.org>>)

O franco-brasileiro admite que, em muitos casos, o fim da privacidade pode até ser positivo para as pessoas e para a sociedade, mas em circunstâncias muito especiais: “Nossa luta, como cidadãos, deve ser implacável no sentido de impedir o uso indevido da informação, como a venda de nossos perfis a terceiros e a apropriação de nossos dados pela esfera pública para controle dos cidadãos”. E aponta a nova legislação da União Européia sobre o tema (www.edps.europa.eu/01_en_presentation.htm).

“A sociedade – exemplifica – precisa de instrumentos eficazes para impedir ou punir um ministro da Fazenda que tem a ousadia de pedir ou induzir assessores a abrir os dados sigilosos de um caseiro, contando com conivência e submissão de subordinados que cumprem a ordem ilegal e imoral sem esboçar qualquer reação.”

Nossos dados confidenciais estão cada vez mais vulneráveis diante dos modernos sistemas de controle social e individual. “Isso é ainda mais sério numa sociedade como a brasileira – diz o franco-brasileiro – que tolera tantos desvios e tem sido capaz de eleger verdadeiros delinquentes como seus representantes.”

Não chegaria ao extremo de testar a coerência dos que não se importam com o fim da privacidade, nem aplaudiria a invasão de seus computadores – nem muito menos os PCs de meus queridos amigos executivos, consultores e PhDs – porque sei o que significa o furto de senhas, de dados confidenciais, de fichas médicas e de identidade, por criminosos.

Mesmo diante de tanta evidência, acho que o cidadão do século 21 ainda vai mobilizar-se em defesa da privacidade. ■